

## EM BUSCA DA “TERRA DA PROMISSÃO”: o rio Parnaíba no contexto de fundação de uma nova capital para o Piauí (1852-1858)

Danielle Filgueiras Santos<sup>1</sup>  
Joseanne Zingleara Soares Marinho<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar a relevância do rio Parnaíba para o processo de transferência da capital piauiense ao longo da primeira metade do século XIX. Nesse período, foram travados debates acerca da transferência da sede administrativa do Piauí, a cidade de Oeiras, para outra região, e um dos critérios mais importantes na escolha do novo local era a proximidade com algum corpo d'água que pudesse viabilizar a navegação. Por ser o maior curso fluvial do território piauiense, o rio Parnaíba foi colocado como a solução dos problemas da Província. Em 1852, a segunda capital piauiense foi edificada nas margens do caudaloso curso d'água, e no ano de 1858 foi criada a primeira empresa de navegação a vapor do rio Parnaíba com o intuito de garantir o progresso e o desenvolvimento que eram tão almejados pelas elites piauienses. Como resultado, o rio tornou-se a principal rota comercial do Piauí e viabilizou o escoamento de suas riquezas vegetais.

**Palavras-Chave:** História. Desenvolvimento. Cidade. Economia. Rio Parnaíba.

### IN SEARCH OF THE “LAND OF PROMISSION”: the Parnaíba river in the context of the foundation of a new capital for Piauí (1852-1858)

### ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the relevance of the Parnaíba river for the transfer process of the capital of Piauí during the first half of the 19th century. During this period, debates were held about the transfer of the administrative headquarters of Piauí, the city of Oeiras, to another region, and one of the most important criteria in choosing the new location was the proximity to a body of water that could make navigation viable. As the largest river course in the territory of Piauí, the Parnaíba River was considered the solution to the Province's problems. In 1852, the second capital of Piauí was built on the banks of the mighty watercourse, and in 1858 the first steam navigation company on the Parnaíba river was created with the aim of guaranteeing the progress and development that were so sought after by the elites. Piauí. As a result, the river became the main commercial route in Piauí and enabled the flow of its plant wealth.

**Keywords:** History. Development. City. Economy. River Parnaíba.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Bolsista PIBIC UESPI 2018-2019 e 2019-2020. daniellefilgueiras@outlook.com

<sup>2</sup> Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR Professora do Programa de Mestrado em Ensino de História – PROFHISTÓRIA e da Graduação em História da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. joseannemarinho@cchl.uespi.br

## EN BUSCA DE LA “TIERRA DE PROMISIÓN”: el río Parnaíba en el contexto de la fundación de una nueva capital para Piauí (1852-1858)

### RESUMEN

El objetivo de este trabajo es analizar la relevancia del río Parnaíba para el proceso de trasvase de la capital de Piauí durante la primera mitad del siglo XIX. Durante este período, se debatieron sobre el traslado de la sede administrativa de Piauí, la ciudad de Oeiras, a otra región, y uno de los criterios más importantes para elegir la nueva ubicación fue la proximidad a un cuerpo de agua que pudiera hacer que la navegación viable. Como el curso fluvial más grande del territorio de Piauí, el río Parnaíba se consideró la solución a los problemas de la provincia. En 1852 se construyó la segunda capital de Piauí a orillas del caudaloso curso de agua, y en 1858 se creó la primera empresa de navegación a vapor en el río Parnaíba con el objetivo de garantizar el progreso y desarrollo tan buscados por las élites. Piauí. Como resultado, el río se convirtió en la principal vía comercial de Piauí y permitió el flujo de su riqueza vegetal.

**Palabras clave:** Historia. Desarrollo. Ciudad. Economía. Río Parnaíba.

### Introdução

A relevância dos cursos fluviais para a formação de novas cidades pode ser percebida ao longo da história da humanidade. As águas são imprescindíveis para a manutenção da vida e dos ecossistemas, garantindo o alimento, a hidratação do corpo, a irrigação das terras, a produção energética, além da sobrevivência de animais e plantas. Suas margens se constituíram como corredores de circulação de pessoas, e por isso a instalação nas proximidades de córregos, riachos, rios, lagos e lagoas possibilitou a aquisição de meios favoráveis ao desenvolvimento dos espaços citadinos.<sup>3</sup> Nesse sentido, os rios são criadores de cidades. Eles dão forma à novas regiões e concedem aos ribeirinhos gostos e práticas comuns, que acabam por caracterizá-los e até mesmo distingui-los das demais comunidades.

À medida que as urbes crescem e expandem seus limites territoriais, os rios acabam ultrapassando as funções que exerce como um elemento da natureza.<sup>4</sup> Quando ser humano passa

<sup>3</sup> REZENDE, Greyce Bernardes de Mello; ARAÚJO, Sergio Murilo Santos de. As cidades e as águas: ocupações urbanas nas margens de rios. *Revista de Geografia*, Recife, n. 2, v. 33, p. 119-135, 2016.

<sup>4</sup> Embora a palavra tenha um sentido claro no senso comum, o conceito de natureza é de complexo. De acordo com Daniel Castro, muitos estudiosos se debruçaram sobre a questão ao longo dos anos. Os pontos de partida e as perspectivas, assim como as problemáticas e motivações foram diferentes, as análises partiram de diferentes olhares. Por conseguinte, as explicações resultantes disso também foram distintas. Tanto no latim quanto no grego, a palavra está associada ao nascimento e à vida e foi isso que originou a concepção primordial de natureza, que é aquilo que tem vida, mas que não possui pensamento ou racionalidade. As demais conceituações foram elaboradas a partir de influências culturais e até mesmo religiosas, mostrando que o entendimento pode variar. Aqui, a natureza será entendida como ecossistemas de maneira geral, que por sua vez, são o conjunto de comunidades que habitam um determinado local e interagem entre si e também com o ambiente. Essas comunidades podem ser bióticas, que são os seres vivos, ou abióticas, que correspondem aos demais componentes do ambiente, como solo, Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 89 a 109, jan. a ago. 2021

## EM BUSCA DA “TERRA DA PROMISSÃO”: o rio Parnaíba no contexto de fundação de uma nova capital para o Piauí (1852-1858)

a habitar e modificar uma região<sup>5</sup>, as paisagens naturais fundem-se às urbanas<sup>6</sup>, e a natureza acaba recebendo novas atribuições que tocam questões do cotidiano, da política e, sobretudo, da economia. Com base nos cursos fluviais, por exemplo, as comunidades ribeirinhas africanas, que viviam especificamente nas margens do rio Rufiji, na atual Tanzânia, criaram um calendário agrícola que se pautava no ciclo da água. Ao longo do século XIX e XX, as cheias periódicas serviram para definir os gêneros mais adequados para a plantio.<sup>7</sup>

Os rios africanos também foram inseridos em processos de desenvolvimento das cidades e alguns deles receberam hidrelétricas durante o período pós-colonial. Para os africanos, isso significava “[...] a independência econômica e política e a possibilidade de superar o estigma do subdesenvolvimento.”<sup>8</sup> No Brasil, os rios também tiveram relevância significativa no processo de ocupação territorial, bem como no desenvolvimento urbano desses espaços que passaram a ser habitados.<sup>9</sup> De acordo com José Pádua, “[...] não se pode entender a formação da sociedade nacional, em sua grande diversidade, sem levar em conta o espaço continental onde o país foi construído, marcado por enormes e complexas redes fluviais”.<sup>10</sup>

No que concerne às pesquisas acadêmicas, foi somente no século XX que os estudos sobre a natureza passaram a ocorrer de forma mais sistemática.<sup>11</sup> A inclusão dos rios no cerne

---

luz, água, etc. Dessa forma, entende-se que os rios, as árvores, o clima, e outros elementos naturais que aparecem no decorrer da discussão estão vinculados à trajetória humana e a impactaram de formas distintas ao longo dos anos, ao mesmo tempo em que eram transformados por ela. CASTRO, Daniel Stella. Um estudo sobre o conceito de natureza. **Revista do Departamento de Geografia**, Universidade de São Paulo - USP, v. 38, p.17-30, 2019.

<sup>5</sup> Região pode ser compreendida como uma “[...] unidade definível no espaço, que se caracteriza por uma relativa homogeneidade interna com relação a certos critérios”. Esses critérios podem estar relacionados à questões econômicas, culturais, ambientais, geológicos, políticos, entre outros. Por exemplo, a partir de “[...] critérios geológicos [é possível] estabelecer em um espaço mais vasto as divisões que se referem aos tipos de minerais e solos que predominam em uma área ou outra.” BARROS, José D’Assunção. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, v. 10, n. 1, verão 2005. p. 98- 99.

<sup>6</sup> O conceito de paisagem, oriundo da Geografia, estabelece a sua definição como “[...] uma associação típica de características geográficas concretas que se dão numa região – ou numa extensão específica do espaço físico – e constitui um determinado um padrão visual que se forma a partir destas características que a singularizam”. Dessa forma, a paisagem pode ser natural ou elaboradas culturalmente pelo ser humano. BARROS, José D’Assunção. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, v. 10, n. 1, verão 2005. p. 99-100.

<sup>7</sup> DINIZ, José Nilo Bezerra. Uma história ambiental dos rios africanos. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 14, n. 2, p. 559- 562, jul./dez. 2014.

<sup>8</sup> DINIZ, José Nilo Bezerra. Uma história ambiental dos rios africanos. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 14, n. 2, p. 561, jul./dez. 2014.

<sup>9</sup> De acordo com Luana Polon, “O espaço geográfico é um produto resultante das relações socioespaciais que nele se estabelecem, sejam elas da ordem que forem, políticas, econômicas ou simbólicas. E neste sentido, a sociedade tem papel fundamental, uma vez que as relações que os homens estabelecem entre si acabam por refletir na dinamização do espaço, configurando e reconfigurando este constantemente, em conformidade com os vários períodos históricos.” POLON, Luana Caroline Künast. Espaço geográfico: breve discussão teórica acerca do conceito. **Revista Geográfica Acadêmica**, v.10, n.2, 2016. p. 91-92.

<sup>10</sup> PÁDUA, José Augusto. Movimentos dos rios/movimentos da História. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 39, n. 81, p. 15-24, 2019. p. 16.

<sup>11</sup> RIBEIRO, Fernando da Silva. A cidade e o rio: entre a preservação e o descaso com o Meia Ponte em Goiânia (1933-2020). **Faces da História**, Assis/SP, v. 8, n. 1, p. 70-92, jan./jun., 2021.

Humana Res,v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 89 a 109, jan. a ago. 2021

das produções decorreu dos debates resultantes das conferências sobre a crise global e movimentos ambientalistas que ocorreram na década de 1970 em vários países.<sup>12</sup> Na História, a ampliação da concepção de documento viabilizou a inclusão da temática. As discussões relacionadas ao meio ambiente estiveram alinhadas com as propostas da Escola dos *Annales*, tendo em vista que o interesse nos fundamentos ambientais da sociedade se fez presente desde a sua fundação. Marc Bloch, por exemplo, realizou estudos sobre a vida rural francesa, Le Febvre escreveu textos que abordavam a geografia social e Fernand Braudel conferiu ao mar Mediterrâneo o lugar de objeto histórico, colocando-o em evidência na sua tese.<sup>13</sup>

A interdisciplinaridade decorrente da ampliação do conceito de documento possibilitou o surgimento de novos campos de pesquisa, como a História Ambiental. A partir dela, os historiadores puderam se debruçar, também, sobre os rios, concebendo-os como uma categoria de análise.<sup>14</sup> Essas reflexões embasam a discussão sobre o rio Parnaíba como um agente ativo na história do Piauí. Com 1.485 km de extensão, ele é o maior rio do estado e foi frequentemente apontado nos documentos oficiais como propulsor de riquezas e possível solução para os problemas econômicos. Partindo disso, a proposta desse trabalho é analisar a relevância desse curso d'água para o processo de transferência da capital piauiense, no século XIX.

Para a realização da discussão proposta, foi realizado o estudo de obras bibliográficas que possibilitaram a compreensão das especificidades do assunto tratado, bem como do contexto histórico-social no qual se encontra. Dentre elas é possível destacar Gercinair Gandara<sup>15</sup>, Joseanne Marinho<sup>16</sup> e Amanda Moreira<sup>17</sup>. As fontes primárias analisadas foram jornais, revistas, mensagens governamentais e relatórios de viajantes disponíveis para pesquisa no Arquivo Público do Piauí Casa Anísio Brito e no site da Biblioteca Nacional.

## 1 O rio Parnaíba: características geográficas e atribuições históricas

---

<sup>12</sup> WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

<sup>13</sup> WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

<sup>14</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba... Cidades-beira*. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

<sup>15</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba... Cidades-beira*. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

<sup>16</sup> MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. “*Manter Sadia a Criança Sã*”: as políticas públicas de saúde materno-infantil no Piauí de 1930 a 1945. Jundiá: Paco Editorial, 2018.

<sup>17</sup> MOREIRA, Amanda Cavalcante. *Teresina e as moradias da região central da cidade (1852- 1952)*. 2016. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2016.

## EM BUSCA DA “TERRA DA PROMISSÃO”: o rio Parnaíba no contexto de fundação de uma nova capital para o Piauí (1852-1858)

O Brasil é composto por uma vasta e complexa rede de sistemas fluviais que proporcionam sua singularidade em termos hídricos e fazem dele um dos países com maior reserva de água do mundo.<sup>18</sup> No que concerne à região nordestina, grande parte dos rios possui uma bacia hidrográfica própria com consideráveis diferenças inter-regionais. O conjunto delas foi convencionalmente chamado de Bacia do Nordeste.<sup>19</sup> Dentro desse rico cenário, encontra-se o rio Parnaíba, cuja região hidrográfica<sup>20</sup>, que recebe seu nome, abarca quase todo o Estado do Piauí.<sup>21</sup> Como mencionado, o trajeto desse caudaloso curso d'água se estende por aproximadamente 1.485 km e demarca a divisa entre o Estado do Piauí e Maranhão.

De acordo com a Agência Nacional das Águas, a Região Hidrográfica do Parnaíba ocupa 3,9% do território nacional e encontra-se entre as mais relevantes do Nordeste brasileiro.<sup>22</sup> Ela é composta por muitos cursos d'água que atravessam biomas distintos em cada parte do estado, como o cerrado, a caatinga e o costeiro. Dentre os principais rios que a compõem, pode-se mencionar, além do Parnaíba, o Canindé, o Poti, o Longá, o Piauí, o Itaueira, o Rio das Balsas e o Uruçuí Preto.<sup>23</sup> A maior parte desses cursos fluviais é intermitente, o que significa que secam quando há baixa precipitação de chuvas.<sup>24</sup> Isso provoca quadros de estiagem bastante críticos em determinadas regiões do estado.

Por ser o mais expressivo dentre os rios supracitados, o Parnaíba passou a ocupar um lugar de destaque na memória e nos registros de seus conterrâneos. Ele é considerado o maior rio perene inteiramente incluído no Nordeste brasileiro e é navegável da cidade de Santa Filomena, no Sul do estado, até a cidade litorânea de Parnaíba, no Norte, ou seja, quase toda sua extensão.<sup>25</sup> Como trata-se de um rio que estabelece divisas entre os dois estados, ele também se enquadra na categoria de rios de domínio da união, ou rios federais, que são aqueles que

<sup>18</sup> ITO, Daniel. Reserva subterrânea da Amazônia pode abastecer o planeta por 250 anos. **Radioagência Nacional**. Disponível em: <https://cutt.ly/uEk3Ikx>. Acesso em 19 abr. 2021.

<sup>19</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília/2008.

<sup>20</sup> As Regiões Hidrográficas – RH são “[...] bacias, grupo de bacias ou sub-bacias hidrográficas próximas, com características naturais, sociais e econômicas similares”. AS REGIÕES Hidrográficas. **Ministério do Desenvolvimento Regional**. Disponível em: <https://cutt.ly/TEk9Nai>. Acesso em 22 abr. 2021.

<sup>21</sup> AGÊNCIA Nacional das Águas. **Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil**: as regiões hidrográficas brasileiras. Edição Especial. Brasília: ANA, 2015.

<sup>22</sup> AGÊNCIA Nacional das Águas. **Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil**: as regiões hidrográficas brasileiras. Edição Especial. Brasília: ANA, 2015.

<sup>23</sup> AGÊNCIA Nacional das Águas. **Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil**: as regiões hidrográficas brasileiras. Edição Especial. Brasília: ANA, 2015.

<sup>24</sup> REGIÃO Hidrográfica Parnaíba. **Ministério do Desenvolvimento Regional**. Disponível em: <https://cutt.ly/xEk8vPI>. Acesso em 22 abr. 2021.

<sup>25</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

unem e separam duas unidades federativas e, em alguns casos, dois países.<sup>26</sup> Ao longo do século XIX e XX, o rio Parnaíba atraiu pessoas para suas margens, o que fez surgir povoados, vilarejos e cidades, incluindo a atual capital do estado do Piauí. Por isso, é importante conhecer seu trajeto e entender os caminhos que ele percorre.

A nascente do rio Parnaíba fica localizada na Chapada das Mangabeiras, entre os Estados do Piauí, Maranhão e Tocantins, em uma altitude de cerca de 700 metros. Tradicionalmente, o rio Parnaíba foi dividido em três regiões que foram definidas a partir de suas características geográficas. A primeira é chamada de Alto Parnaíba, e é delimitado pelas nascentes, no sul do estado, e pela foz do rio Gurguéia, que fica situada no município de Jerumenha. Essa parte do rio é composta por cachoeiras e águas agitadas, pois nesse trecho ele conta com a presença de afluentes maranhenses e piauienses. O Médio Parnaíba vai da foz do Gurguéia e até a foz do rio Poti, no município de Teresina. Quando adentra essa região, o rio deixa de receber as águas dos riachos maranhenses, contudo, seu curso alarga-se. Seguindo rumo ao litoral, tem-se o Baixo Parnaíba, sendo que nesse trecho ele corre vagaroso e tranquilo, até chegar no Oceano Atlântico.<sup>27</sup>

Outra divisão do curso parnaibano foi proposta por Gercinair Gandara<sup>28</sup>, que levou em consideração não somente as características geográficas, mas também as atividades que foram desenvolvidas pelos ribeirinhos ao longo dos anos. O rio ficou organizado em quatro espaços, que são correspondentes ao trecho entre a nascente e a cidade-beira Santa Filomena, o espaço d'águas encachoeiradas, à região entre Santa Filomena e Uruçuí, chamada de espaço d'águas dos balseiros e/ou d'águas vermelhas, entre os municípios de Uruçuí e Parnaíba, tem-se o espaço dos marinheiros do rio e/ou d'águas doces, e por fim e o espaço dos marinheiros do mar e/ou d'águas salgadas, que fica entre a cidade de Parnaíba e a desembocadura no mar. A cidade de Teresina fica situada no espaço d'águas dos marinheiros do rio ou no Médio Parnaíba, segundo a divisão tradicional.

Além da promissora possibilidade de implementação da navegação, a riqueza da flora que constitui as margens parnaibanas foi outro ponto determinante na interação estabelecida entre as cidades-beira e o rio Parnaíba. O vale desse curso fluvial é um dos mais ricos do país.

<sup>26</sup> RIOS. **Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico**. Disponível em: <https://cutt.ly/7EOy0zK> Acesso em: 25 abr. 2021.

<sup>27</sup> HIDROVIA do Parnaíba. **Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes**. 2018. Disponível em: <https://cutt.ly/OTpm0z3>. Acesso em 09 nov. 2021.

<sup>28</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 89 a 109, jan. a ago. 2021

## EM BUSCA DA “TERRA DA PROMISSÃO”: o rio Parnaíba no contexto de fundação de uma nova capital para o Piauí (1852-1858)

Nele podem ser encontradas “[...] quase todos os tipos de vegetação do Brasil tropical.”<sup>29</sup> As espécies que o compõem são de fundamental importância para a manutenção do sistema fluvial e fazem parte da história do rio e das populações que o margeiam.

Nas questões concernentes à economia do estado, as árvores da família das *Arecaceae* ou *Palmae*, popularmente conhecidas como palmeiras se destacaram, pois delas foram obtidos os gêneros extrativistas que o Piauí exportou para o exterior por meio dos vapores<sup>30</sup>, lanchas<sup>31</sup> e balsas<sup>32</sup>. Segundo Djalma Nunes Filho<sup>33</sup>, a borracha da maniçoba foi o primeiro produto que gerou um forte e positivo impacto na economia piauiense. Entretanto, outras palmeiras contribuíram significativamente para a elevação das receitas no estado, como a do babaçu e, sobretudo, a da carnaúba.

A exportação extrativista era a principal justificativa para o estabelecimento da navegação a vapor no rio Parnaíba e no decorrer da segunda metade do século XIX e primeira do XX, a borracha da maniçoba, a amêndoa do babaçu e a cera de carnaúba foram fundamentais para a elevação das receitas do estado. Mas a utilidade das palmeiras não ficou restrita aos produtos que eram comercializados pelo governo piauiense. Elas também foram utilizadas pela população ribeirinhas de muitas outras formas. A madeira, a palha, os frutos e até mesmo as raízes eram aproveitadas. Os moradores das beiras construíam embarcações e casas, eram confeccionavam utensílios domésticos, faziam peças artesanato, além de produtos alimentícios ou remédios. E eram elas que geravam matéria-prima para vários produtos industrializados.<sup>34</sup>

Como disse o escritor piauiense Berilo Neves, “[...] há fartura, nas margens [do rio Parnaíba]. Como o Nilo, ele fez a riqueza brotar ao contacto das suas águas.”<sup>35</sup> Esses aspectos

<sup>29</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008. p. 67.

<sup>30</sup> São barcos robustos, grandes e movidos à lenha. Suportavam longas viagens, transportando passageiros e mercadorias. Os vapores são as embarcações mais lembradas no que se refere à navegação no rio Parnaíba, pois foram concebidos como símbolo da modernização no estado. GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

<sup>31</sup> As lanchas eram embarcações pequenas, movidas a motor, gasolina ou a vapor. Elas servem para transportar pessoas ou mercadorias e nas zonas portuárias, geralmente, são encarregadas de auxiliar na locomoção até o navio. LANCHA. **Navios e Portos**. Disponível em: <https://cutt.ly/wEk3Az4>. Acesso em: 14 jun. 2021.

<sup>32</sup> As balsas são embarcações de superfície plana que se deslocam por meio da correnteza do rio. Geralmente, são feitas pelos próprios ribeirinhos, que usam para isso madeira disponíveis na região. LIMA, Eurípedes Ferreira. **Depoimento concedido a Danielle Filgueiras Santos e Joseanne Zingleara Soares Marinho**. Teresina, 2019.

<sup>33</sup> NUNES FILHO, Djalma José. **A cidade e o rio: a navegação fluvial e o extrativismo vegetal na organização do espaço de Floriano-PI (1890 – 1950)**. 2013. Tese (Doutorado Organização do Espaço), Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

<sup>34</sup> SOUZA, Fábio Geraldo de. A importância da família arecaceae para a região Norte. **Revista EDUCAmazônia: Educação Sociedade e Meio Ambiente**, Humait, Amazonas, Brasil - LAPESAM/GISREA/UFAM/CNPq/EDUA, ano 12, v. 23, n. 2, p. 100-110, jul./dez. 2019.

<sup>35</sup> BERILO Neves. **Antônio Miranda**. Disponível em: <https://cutt.ly/gEk972Y>. Acesso em: 24 mai. 2021. p. 115-117.

possibilitam a compreensão da relevância concedida ao rio Parnaíba e permitem observar o rio a partir de uma análise histórico-social. A descrição da composição geográfica e das riquezas que o ele oferecia lançam luz sobre as motivações da constante interação entre as comunidades e o curso d'água, bem como a maneira pela qual os recursos fluidos foram utilizados.<sup>36</sup> Foram essas as razões que o inseriram no contexto de várias discussões políticas e econômicas ao longo dos anos, tornando-o um rio cobiçado e admirado. Para poderes públicos, ele era a fonte mais preciosa do Piauí. Para os beiradeiros, era uma dádiva da natureza.

## 2 Há prosperidade nas margens parnaibanas: os debates sobre a escolha da nova capital

A história do Piauí esteve frequentemente vinculada aos rios. A primeira capital do estado foi formada no século XVII em virtude da aglomeração de fazendeiros nas proximidades do rio Piauí. Eles haviam sido incumbidos de povoar a região e eram ligados à Casa da Torre, na Bahia.<sup>37</sup> Disso surgiu a Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, que se tornou uma vila ainda no século XVII, recebendo o nome de Vila da Mocha, em razão do riacho que a banhava.<sup>38</sup> Em 1791, sendo elevada à categoria de cidade, a Vila da Mocha passou a ser Oeiras.<sup>39</sup>

Os principais rios presentes na região onde estava alocada a primeira capital do Piauí eram denominados Canindé, Piauí, Riachão, Itaim, Guaribas, Talhada e o Mocha, entretanto, somente os dois últimos permaneciam cheios durante o ano todo, e nenhum deles apresentava condições favoráveis à navegação.<sup>40</sup> Logo, embora possa ser considerada uma cidade-beira, Oeiras passou a ser caracterizada pela escassez de recursos hídricos. A ênfase em seus aspectos climáticos, colocando-os como um ponto negativo e prejudicial ao futuro do Piauí, foi a principal estratégia utilizada pelos que incitavam a transferência da capital. Visto que os cursos fluviais foram tradicionalmente associados à fertilidade da terra e, por extensão, à prosperidade

---

<sup>36</sup> As cidades ribeirinhas são aquelas que se situam nas margens de águas doces, já as cidade-beira margeiam lagos, lagoas, riachos, rios, o mar, e até mesmo construções humanas, como rodovias, estradas e avenidas. GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

<sup>37</sup> A Casa da Torre, fundada pela família Ávila, era a financiadora de viagens de desbravamento dos sertões. Domingo Afonso Mafrense ou Sertão, um bandeirante e rendeiro da instituição, esteve entre os primeiros colonizadores do que hoje é o Piauí. ALVES, Vicente Eudes Lemos. As bases históricas da formação do território piauiense. **Geosul**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p 55-76, jul./dez. 2003.

<sup>38</sup> GARDNER, George. **Viagens no Brasil**: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. V. II. Albertino Pinheiro (tradutor). Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1942.

<sup>39</sup> MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. “**Manter Sadia a Criança Sã**”: as políticas públicas de saúde materno-infantil no Piauí de 1930 e 1940. Jundiá: Paco Editorial, 2018.

<sup>40</sup> MOTT, Luiz R. B. Descrição da Capitania de São José do Piauí – 1772. **Revista de História**, Universidade de São Paulo. p. 555. Disponível em: <https://cutt.ly/EEOazJ3>. Acesso em: 19 abr. 2021.

## EM BUSCA DA “TERRA DA PROMISSÃO”: o rio Parnaíba no contexto de fundação de uma nova capital para o Piauí (1852-1858)

das populações que os margeiam, para uma parcela da elite piauiense apregoava que a localização da capital era um grande empecilho para o progresso.

De fato, a falta de recurso hídricos ocasionava sérias crises socioeconômicas, pois quando as chuvas cessavam e as águas deixavam de correr no leito dos rios, as populações passavam por situações de extrema vulnerabilidade e sofriam com a desassistência governamental. Durante os meses de julho a novembro, grande parte dos cursos d’água presentes na região tornavam-se pequenas poças à céu aberto, e deixavam os moradores desamparados, pois essa era a água utilizada no cotidiano doméstico.

O grupo dos pró-mudancistas era composto majoritariamente por uma parte insatisfeita da elite e de autoridades políticas do estado que discordavam do que a princípio pareceu a melhor estratégia para facilitar a administração da Província, que foi a de situar sua sede no centro do território piauiense,<sup>41</sup> considerando que a posição central viabilizaria o contato com o norte e o sul de forma igualitária.<sup>42</sup> Além das argumentações pautadas nas dificuldades climáticas e na insalubridade do ambiente, os favoráveis à mudança alegavam que a situação geográfica gerava inúmeras complicações no que tange à comunicação com as demais províncias e com a Corte.

A precariedade das estradas carroçáveis e a ausência de rios que fossem navegáveis dificultavam o acesso à cidade. Os pró-mudancistas afirmavam que o isolamento da capital prejudicava a administração do Piauí, que era dependente do Maranhão ou da Bahia para realizar os trâmites políticos e comerciais.<sup>43</sup> Alegavam ainda a precariedade da infraestrutura urbana da cidade, afirmando que ela não havia se desenvolvido ao longo dos anos. Isso fazia recair sobre Oeiras os estereótipos de atraso, pobreza e estagnação, como pode ser percebido por meio da descrição realizada por Zacarias de Góes e Vasconcelos, que foi o Presidente da Província entre 1845 e 1847:

---

<sup>41</sup> O conceito de território pode variar de acordo com o campo científico que o analisa. Para as ciências biológicas, por exemplo, território é a área dominada ou influenciada por determinada espécie, já para as “[...] ciências sociais, econômica e política tal como a geografia, a categoria do território está atrelada às questões de poder.”. Para a geografia, de maneira mais específica, “[...] o território surgiu com base na discussão sobre o espaço geográfico expressando alguns sentidos, dentre eles a noção de poder, que concentrado nas mãos de uma só pessoa ou do Estado caracteriza a territorialidade do espaço no sentido de posse”. MONTE, Lucas Almeida; SOUSA, Sara Raquel Cardoso Teixeira de; ARAÚJO, Raimundo Lenilde de. Território: um conceito da Geografia na perspectiva de alunos de uma escola pública da cidade de Teresina – Pi. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7. 2014, Vitória. **Anais do VII CBG**. Vitória, 2014, [não paginado]. Disponível em: <https://cutt.ly/bTplBR6>. Acesso em: 07 nov. 2021.

<sup>42</sup> A MUDANÇA da capital. **O Echo Liberal**, Oeiras, n. 123, p. 5, 26 de jan. 1852.

<sup>43</sup> CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 89 a 109, jan. a ago. 2021

[...] Situada entre morros, é quase inabitável a cidade, porque o calor, que no clima do norte é tão intenso, torna-se aqui, por essa circunstância, ainda mais abrasador e insuportável: o local da cidade é tão pedregoso [...] estéril, que não consente vegetação, de maneira que na estação calmosa dir-se-á morta a natureza, a não ser o riacho da Mocha, em cujas margens sempre verdejam, bem que raras, algumas árvores.<sup>44</sup>

O posicionamento do Presidente da Província fica evidente. Nota-se também que ele se apoiava nas características ambientais para fazer suas argumentações. De acordo com Monsenhor Chaves<sup>45</sup>, além de se manifestar a favor, ele apontou uma série de atributos que deveriam ser levados em consideração na escolha de uma nova região que abarcaria a sede administrativa. Ele afirmou que deveria: “[...] estar situada em local salubre, aprazível, abundante d’água, fértil, que ofereça vantagens nas comunicações com toda a Província, principalmente com os pontos de maior comércio dela, assim como das Províncias vizinhas.”<sup>46</sup> Por isso, o litoral era a grande aspiração dos defensores da mudança. Se a capital estivesse situada nas proximidades do mar seria possível efetuar a construção de um porto marítimo, o que alavancaria o desenvolvimento comercial da Província. E, caso isso não fosse viável, a outra alternativa seria colocá-la nas margens de um corpo d’água abundante e que, preferencialmente, desembocasse no mar.<sup>47</sup> O rio Parnaíba era o que melhor atendia a esses requisitos e foi dentro desse contexto que ele entrou na pauta política.

Em contraposição aos pró-mudancistas estava um grupo majoritariamente formado pela oligarquia oeirense que não concordava com a transferência da capital. Essas pessoas buscavam preservar o título concedido à cidade e se opunham a qualquer iniciativa que se mostrasse contrária a isso. O anseio pelo progresso era o mesmo, contudo acreditavam na possibilidade de alcançá-lo de outra maneira. Eles reconheciam as necessidades enfrentadas pelos moradores da região e, por isso, defendiam o empreendimento de melhorias que fossem capazes de solucionar ou amenizar os problemas apresentados. De igual modo, posicionavam-se em defesa da cidade no que concerne à infraestrutura e demonstravam o repúdio à inferiorização praticada pelos que subestimavam a capital piauiense.

---

<sup>44</sup> CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 23.

<sup>45</sup> CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

<sup>46</sup> CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 23.

<sup>47</sup> A desembocadura, também chamada de estuário ou foz, é o ponto onde um curso de água desagua. Isso pode ocorrer em um lago, no mar ou em outro rio. DESEMBOCADURA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986. p. 556. Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 89 a 109, jan. a ago. 2021

## EM BUSCA DA “TERRA DA PROMISSÃO”: o rio Parnaíba no contexto de fundação de uma nova capital para o Piauí (1852-1858)

A intenção de desconstruir a imagem que se propagava sobre a cidade, que a colocava como um dos indícios do atraso piauiense em relação às demais províncias, fica evidente em alguns posicionamentos dos redatores do jornal oeirense *O Echo Liberal*. No trecho da matéria que está disposta a seguir, publicada em 1851, eles apresentaram uma lista com diversas melhorias realizadas ao longo dos anos:

Em 1751 a villa da Môxa não era mais do que um pequeno povoado dos nossos pobres e remontados certões: em 1762, pela unica razão de estar no centro da capitania, foi essa pequena povoação elevada a cathegoria de cidade capital com o nome de Oeiras, e ainda depois de nossa independencia não tinha hum edificio publico ou particular que valesse apenas ser considerado. De 20 anos pra cá Oeiras tem duplicado em propriedades, e centuplicado em valor: ruas inteiras se hão edificado, e outras reformado; e alem dos edificios, e obras publicas que possui de poucos tempos [...] e seu commercio, ainda que acanhado, è, sem duvidas, o maior da provincia; e mais seria se tivesse ella gozado de administrações que houvessem ao menos lançado suas vistas para o deploravel estado de nossas vias de comunicação.<sup>48</sup>

Diante disso, é possível afirmar que o processo de transferência estava envolto no contexto de conflitos de interesses existentes entre esses dois grupos e, ainda, que no cerne de todas essas argumentações estava a insistente busca pelo progresso piauiense. No final da década de 1840 o assunto começou a ganhar mais visibilidade. Tendo em vista que havia grandes chances de que Oeiras deixasse de ser a capital, o foco das discussões foi parcialmente modificado para o novo endereço, que seria as beiras do rio ou do mar.

Esse desejo de mudar a capital piauiense era anterior ao século XIX, e as margens do Parnaíba já eram vistas como uma opção viável. De acordo com Gercinair Gandara, é provável que a primeira menção nos documentos oficiais tenha ocorrido em 1793.<sup>49</sup> Alguns anos depois disso, em 1798, Dom João Amorim Pereira apontou como primeira opção a vila de Parnaíba, que ficava no litoral piauiense, mas também mencionou uma povoação que havia surgido na confluência<sup>50</sup> dos rios Parnaíba e Poti há pouco tempo. Ao analisar as possibilidades com base no mapa da primeira divisão política do Piauí, disposto a seguir, é possível perceber que no ano de 1762 somente as vilas de Jerumenha e de Parnaíba ficavam situadas nas margens do rio Parnaíba, as demais povoações existentes localizavam-se no interior do território piauiense:

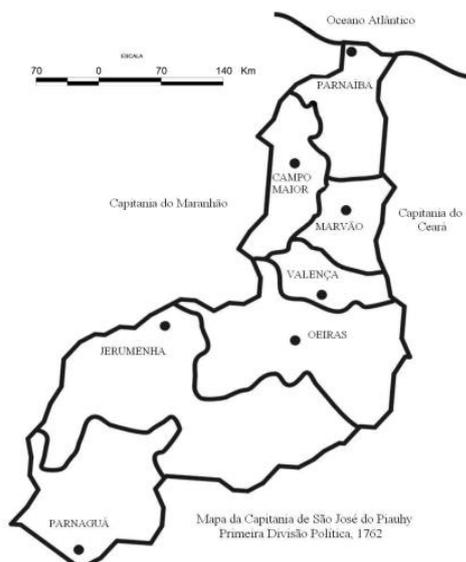
<sup>48</sup> A MUDANÇA da capital. *O Echo Liberal*, n. 118, p. 1. 18 de dez. 1851.

<sup>49</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

<sup>50</sup> É o lugar de encontro de dois rios. CONFLUÊNCIA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986. p. 451.

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 89 a 109, jan. a ago. 2021

Mapa 1: Mapa da Capitania de São José do Piauí.



Fonte: Gandara.<sup>51</sup>

Jerumenha, além de margear o grande rio, estava na confluência do Gurguéia, o maior afluente piauiense do Parnaíba. Isso concedia a ela uma posição geográfica interessante na concepção dos pró-mudancistas, pois poderia facilitar a comunicação com as cidades interioranas e com províncias vizinhas por meio da navegação fluvial e possibilitar a comunicação com a Corte.<sup>52</sup> Por outro lado, Parnaíba ficava no litoral e, por isso, parecia proporcionar mais vantagens, considerando também que já possuía uma certa infraestrutura, o que dispensava a necessidade de despender verbas para edificar de prédios públicos. Logo, as duas ofereciam benefícios consideráveis, ao passo em que também apresentavam grandes desvantagens.

Alegava-se que o desenvolvimento urbano de Jerumenha era vagaroso. A vila quase não possuía prédios e a infraestrutura ainda era muito precária para receber uma capital, por isso, não foi considerada adequada. Por sua vez, Parnaíba, que em tese era melhor opção, estava

<sup>51</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008. p. 200.

<sup>52</sup> MOTT, Luiz R. B. Descrição da Capitania de São José do Piauí – 1772. **Revista de História**, Universidade de São Paulo. p. 555. Disponível em: <https://cutt.ly/EEOazJ3>. Acesso em: 19 abr. 2021.

## EM BUSCA DA “TERRA DA PROMISSÃO”: o rio Parnaíba no contexto de fundação de uma nova capital para o Piauí (1852-1858)

no extremo norte do Piauí e isso dificultaria a relação com as comunidades situadas no sul. Os moradores dessa região sofriam com o desamparo governamental e a nova capital precisava estar em um local que favorecesse todo o estado, sendo a vila de Parnaíba também foi retirada do rol de opções. Outra possibilidade apontada pelos pró-mudancistas foi o rio Mulato. Para muitos, ele era “[...] o lugar preferível para a mudança da capital.”<sup>53</sup> Esse corpo d’água banhava a cidade de São Gonçalo e também desaguava no rio Parnaíba. Ele parecia oferecer grandes vantagens ao projeto de desenvolvimento do Piauí naquela época, o que ficou evidente por meio da Lei nº 174, de 1844, que autorizou a transferência das repartições públicas “[...] para a margem do rio Parnaíba, escolhendo o lugar da confluência do riacho Mulato [...] ficando a nova cidade com o nome de Regeneração”.<sup>54</sup>

São Gonçalo ainda não era uma cidade, mas possuía sua própria comarca, ficava relativamente próxima à cidade de Oeiras, e a distância que precisava ser percorrida para chegar ao rio Parnaíba era reduzida praticamente pela metade, se comparada com a existente entre o curso d’água e a capital. Contudo, a transferência não foi executada, pois Zacarias Góis não concordava com a escolha, realizada por seu antecessor, José Idelfonso de Sousa Ramos.<sup>55</sup> Assim, restava a povoação apontada por Dom João Amorim Pereira, um vilarejo quase inexpressivo em tamanho, porém com vantagens que não passavam despercebidas.

Havia uma lista de pontos favoráveis ao estabelecimento da capital na região onde estava esse povoado. Dentre todas as outras, era a que concedia acesso mais rápido às águas parnaibanas, um fator que a colocava em posição de destaque. Além disso, a Vila do Poti era assim denominada porque margeava o outro grande rio piauiense, o Poti. Isso foi o suficiente para que, a despeito da falta de estrutura e dos elementos considerados próprios de uma cidade moderna, no início da década de 1850, José Antônio Saraiva, o então Presidente da Província, confiasse no potencial que o local oferecia, e empreendesse esforços para que a nova capital fosse alocada na confluência do rio Poti com o rio Parnaíba.

### 3 Teresina, a capital ribeirinha do Piauí

---

<sup>53</sup> A MUDANÇA da capital. *O Echo Liberal*, Oeiras, n. 123, p. 5, 26 de jan. 1852.

<sup>54</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba... Cidades-beira*. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008. p. 119.

<sup>55</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba... Cidades-beira*. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 89 a 109, jan. a ago. 2021

Conforme Andrea Andrade<sup>56</sup>, o lugar onde estava a Vila do Poti já era conhecido pelas autoridades políticas há bastante tempo. Em 1728, por exemplo, o Governador do Maranhão e do Grão-Pará, João Maia da Gama, manifestou o desejo de transformar o vilarejo na cidade que seria a nova capital.<sup>57</sup> O *Echo Liberal* mostra que essa aspiração continuou permeando o cenário piauiense nas décadas seguintes. Em 1851, uma matéria informava que o povoado disputava o título com São Gonçalo e que era apreciado por todo o Norte da Província:

Tracta-se de um negocio que afecta o bem estar de toda a familia piauiense: genericamente falando, todos os membros da comunhão concordão na alteração proposta; mas divergem por partes em pontos essenciaes à consummação da empreza [...] O Sul e o Norte da provincia pleiteião tirar a capital d'Oeiras e assenta-la a margem do Parnaíba: O Sul decide-se pelo ponto de São Gonçalo, e o Norte pelo Puty.<sup>58</sup>

Nota-se que, apesar de ser pacata e pequena, os rios Poti e Parnaíba conferiram à vila um peso considerável nas discussões que giravam em torno da transmutação da capital. Isso porque seus canais fluviais eram expressivos e, especificamente, o Parnaíba era compatível com o projeto de implementação da navegação fluvial. Ademais, a localização do vilarejo viabilizava o acesso direto à cidade maranhense de Caxias, um fator de extrema relevância, tendo em vista que os piauienses dependiam da cidade maranhense para realizar os contatos com o Rio de Janeiro, que era capital do Império. Ao longo dos primeiros séculos, o local de encontro dos dois cursos d'água foi utilizado como ponto de travessia para o estado vizinho e tratava-se da “[...] única passagem entre o norte da Capitania e o restante do Brasil”.<sup>59</sup>

Por essa razão, com o objetivo irreversível de mudar a capital, no dia 03 de agosto de 1844, após a revogação da lei de transferência da sede administrativa para as margens dos referidos rios, o Presidente Saraiva se deslocou até a vila para averiguar a situação em que se encontrava. Todavia, ele teve suas expectativas destruídas quando percebeu os problemas enfrentados pelos moradores da região. Os moradores da Vila do Poti eram flagelados pelas febres endêmicas e, tendo em vista que as residências ficavam nas ribanceiras de corpos d'água, é possível inferir que o estado febril era decorrente do impaludismo, umas oito doenças tropicais

---

<sup>56</sup> ANDRADE, Andrea Rodrigues. **Entre o sertão e as margens do rio Parnaíba: A transferência da capital e a cidade de Teresina na segunda metade do século XIX.** Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, 2016.

<sup>57</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira.** 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

<sup>58</sup> A MUDANÇA da capital. *O Echo Liberal*, n. 118, p. 1. 18 de dez. 1851.

<sup>59</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. Teresina: a Capital sonhada do Brasil Oitocentista. *História*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 90-113, jan./jun. 2011. p. 97.

## EM BUSCA DA “TERRA DA PROMISSÃO”: o rio Parnaíba no contexto de fundação de uma nova capital para o Piauí (1852-1858)

mais conhecidas entre as que foram categorizadas pela Organização Mundial da Saúde - OMS. essas doenças são recorrentes nas zonas dos trópicos, por isso recebem essa denominação, e todas “[...] são transmitidas ao homem de maneiras variadas, mas sempre por um vetor que geralmente é um inseto hematófago”, ou seja, que se alimenta de sangue.<sup>60</sup>

As inundações foram outra ameaça percebida pelo Presidente da Província. A razão disso era a ocupação indevida das chamadas planícies de inundação. Como o nome já indica, esse lugar da margem ficava submerso pelas águas dos rios durante os períodos de cheias, quando acabavam acarretando graves prejuízos materiais e, por isso até mesmo, os próprios habitantes desejavam retirar-se do local,<sup>61</sup> ou seja, as doenças e enchentes tornavam a vila do Poti insalubre, desqualificando-a também diante dos pró-mudancistas. No início da década de 1850, quando as discussões sobre a mudança se aguçaram, o cenário permanecia o mesmo, o Piauí parecia ter retornado ao marco inicial no que diz respeito à mudança de sua sede.<sup>62</sup>

A solução para o impasse ocorreu por meio da Chapada do Corisco, uma região que distava dali cerca de seis quilômetros. O terreno plano e bastante arborizado fez com que Saraiva passasse a considerá-lo o “[...] mais belo e agradável lugar da margem do Parnaíba.”<sup>63</sup> Entretanto, o único requisito atendido por ele era a localização ao lado do caudaloso rio. As construções existentes, duas ou três casas, eram resquícios de uma fazenda de gado que ficava na região e que deu nome ao lugar e, como o próprio nome indicava, era uma região vulnerável à grande quantidade de raios que caíam nos períodos chuvosos.<sup>64</sup> Por isso, não foram poucas as arguições apresentadas pelos seus opositores. Mas, ainda assim, Saraiva insistiu e iniciou a edificação de uma nova vila que foi denominada de Vila Nova do Poti. Com isso, a Vila do Poti, o pequeno povoado visitado pelo Presidente anteriormente, passou a ser chamada de Vila Velha do Poti.<sup>65</sup> E, em pouco tempo, o vilarejo tornou-se a nova capital do Piauí:

A antiga Nova Vila do Potí, instalada em terrenos da Chapada do Corisco, em 20/10/1851, foi elevada à categoria de Cidade com a resolução n.º 315, de 21/7/1852, que transferiu a capital da Província, de Oeiras para a referida

---

<sup>60</sup> O impaludismo é uma doença transmitida por mosquitos do tipo *Anopheles*. Atualmente é conhecida como malária e acomete principalmente moradores das margens dos rios, lagoas, brejos e até mesmo terrenos alagadiços. Os principais sintomas são as febres, dores de cabeça e vômitos. CAMARGO, Erney Plessmann. Doenças tropicais. **Estudos Avançados**, v. 22, n. 64, p. 95-110, 2008. p. 95.

<sup>61</sup> CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

<sup>62</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008. p. 228.

<sup>63</sup> CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 25.

<sup>64</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

<sup>65</sup> A Vila Velha do Poti corresponde a um dos bairros de Teresina atualmente, que é denominado apenas como Poti Velho.

cidade, a qual recebeu o nome de Teresina, em homenagem à Imperatriz Teresa Cristina, pelo seu Presidente, Dr. José Antônio Saraiva.<sup>66</sup>

Por meio da cidade recém-nascida, boa parte dos piauienses reativaram as esperanças de morar em uma urbe que se aproximasse das grandes e modernas metrópoles brasileiras. Teresina foi idealizada como a garantia do progresso piauiense e o primeiro passo na direção da erradicação dos problemas econômicos. Ela foi a primeira cidade-capital planejada e edificada no período Imperial e só isso já era motivo de grande alegria os que a desejaram.<sup>67</sup> O projeto bem sucedido serviu como inspiração a criação de outras urbes do Brasil, como Belo Horizonte – ES e Palmas – TO.<sup>68</sup> Segundo Gandara, provavelmente essa foi a primeira vez na História do país que uma capital foi “[...] planejada e construída em função de uma estrada líquida e como elemento estratégico do ‘progresso’.”<sup>69</sup>

Teresina parecia a realização de um grande sonho. Ficava situada em uma região plana, com muita vegetação, com corpos d’água abundantes, o que tornava suas terras férteis. Considerando a experiência dos moradores da Vila Velha do Poti, o projeto de construção buscou preservar o espaço que era passível de inundações com o intuito de evitar que as águas invadissem os prédios edificadas.<sup>70</sup> Os quarteirões alinhados, e as ruas retilíneas, fizeram com que a planta da cidade fosse comparada a um tabuleiro de xadrez. Tais aspectos podem ser observado na imagem a seguir:

#### Mapa 2: Miniatura do Plano de Teresina.

---

<sup>66</sup> CALDAS, Celso. Malária no Potí Velho – Piauí: relatório de reconhecimento. **Revista da Associação Piauiense de Medicina**, n. 2, p. 89-100, 1939. p. 3.

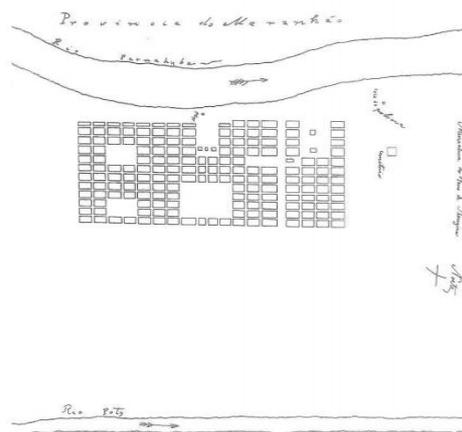
<sup>67</sup> MOREIRA, Amanda Cavalcante. **Teresina e as moradias da região central da cidade (1852- 1952)**. 2016. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2016.

<sup>68</sup> COSTA, Catarina. **Teresina, a primeira capital planejada do país comemora seus 161 anos**. 16 ago. 2013. Disponível em: <https://cutt.ly/sEk3xIB>. Acesso em: 24 abr. 2021.

<sup>69</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. Teresina: a Capital sonhada do Brasil Oitocentista. **História**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 90-113, jan./jun. 2011. p. 109.

<sup>70</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. Teresina: a Capital sonhada do Brasil Oitocentista. **História**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 90-113, jan./jun. 2011.

## EM BUSCA DA “TERRA DA PROMISSÃO”: o rio Parnaíba no contexto de fundação de uma nova capital para o Piauí (1852-1858)



Fonte: Amanda Moreira.<sup>71</sup>

Na Miniatura do Plano de Teresina, a cidade foi disposta de uma maneira que direcionasse seu crescimento do centro, que era indicado pela Igreja de Nossa Senhora do Amparo, para as extremidades norte e sul. Ela teria 12 quadras no sentido Leste-Oeste e 18 na direção Norte-Sul<sup>72</sup>, ocupando uma área de aproximadamente 4.600 quilômetros quadrados.<sup>73</sup> Entretanto, a nova capital não agradava a todos, e surgiram manifestações contrárias à sua construção. Para os opositores, Teresina era somente um projeto idealizado, o que não justificava tamanha euforia.<sup>74</sup> Demonstrando a aversão dos que lutaram pela permanência da sede em Oeiras, os redatores do *O Echo Liberal* a chamaram de “[...] terra da promessa” e, ainda, de terra dos amores de Saraiva.<sup>75</sup>

<sup>71</sup> MOREIRA, Amanda Cavalcante. **Teresina e as moradias da região central da cidade (1852- 1952)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 2016. p. 57.

<sup>72</sup> MOREIRA, Amanda Cavalcante. **Teresina e as moradias da região central da cidade (1852- 1952)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 2016. p. 57.

<sup>73</sup> MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. “**Manter Sadia a Criança Sã**”: as políticas públicas de saúde materno-infantil no Piauí de 1930 a 1945. Jundiá: Paco Editorial, 2018.

<sup>74</sup> Em sua dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, Zulene Rocha escreveu a respeito do ressentimento que, de acordo com a autora, ainda pode ser notado no imaginário de alguns oeirenses hodiernamente: “A história dessa pesquisa se confunde com a nossa própria história de vida, uma vez que, quando estudante das séries iniciais do ensino básico, tomamos conhecimento da história local, dando conta de que Oeiras foi capital e que perdeu esse ‘título’ por causa de um ‘desejo insano’ de José Antônio Saraiva, quando a cidade possuía todas as condições materiais de ser capital do Estado do Piauí. No entanto, durante toda a nossa vida escolar na cidade Oeiras, ouvíamos repetidas vezes que a falta de desenvolvimento econômico, social e cultural era proveniente da saída da capital e que somente a partir dos anos 1930 a cidade começou a sair do estado de crise para tomar o rumo do progresso e da civilidade.” ROCHA, Zulene de Holanda. **Modernização e ressignificação**: as contradições na formação do espaço urbano oeirense (1900 – 1945). 2015. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015. p. 15.

<sup>75</sup> GRANDE cousa é ser sobrinho de ministro. *O Echo Liberal*, Oeiras, n.153 e 154, p. 5, 18 de set. 1852. Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 89 a 109, jan. a ago. 2021

Decerto, nos anos iniciais, a cidade não possuía nenhum prédio público ou comercial construído, não havia casas, ou ruas, somente o projeto para edificá-los. De acordo com Joseanne Marinho, ela nasceu acanhada, o que evidenciava que progresso ainda era apenas uma aspiração.<sup>76</sup> Os primeiros prédios surgiram em meio à inúmeras dificuldades financeiras e técnicas e os que resolveram habitar a cidade em seus primeiros anos precisaram dividir “[...] o espaço com animais, mato, poeira, lama, riachos e casas de palha.”<sup>77</sup> Ainda assim, ela conseguiu atrair pessoas que foram modificando suas feições no decorrer da década de 1850.

Com o sucesso da mudança da capital, os poderes públicos passaram a direcionar a atenção para a navegação, que era o principal motivo da criação de Teresina. Na verdade, de acordo com Erasmo Morais, desde 1815 os moradores da Vila do Poti faziam uso de canoas e botes para conduzir mercadorias, como o algodão, pelas águas parnaibanas, o que mostra que, embora a navegação a vapor não estivesse oficialmente implementada, o rio Parnaíba já era utilizado como escoadouro de mercadorias que possuíam relevância acentuada na época.<sup>78</sup> Em 1851, um ano antes da fundação de Teresina, a produção algodoeira já havia ganhado um certo prestígio e o gênero era vendido para a Casa Inglesa<sup>79</sup> pelo mesmo valor acordado com o Maranhão.<sup>80</sup> Isso apontava para a urgência de usufruir da navegabilidade do rio Parnaíba de maneira mais eficaz.

Todavia, o Estado enfrentava crises econômicas e as verbas que precisariam ser direcionadas para a transformar o rio na principal rota comercial do Piauí eram demasiadamente elevadas. O trajeto sinuoso do Parnaíba oferecia muitos obstáculos naturais que teriam que ser contornados para que as embarcações pudessem trafegar livremente, sem riscos de naufragar no caminho. Sobretudo no espaço d’águas encachoeiradas, o rio se mostrava perigoso e isso foi um dos maiores problemas enfrentados pela navegação, visto que os vapores só chegaram lá no século XX.<sup>81</sup>

---

<sup>76</sup> MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. “**Manter Sadia a Criança Sã**”: as políticas públicas de saúde materno-infantil no Piauí de 1930 a 1945. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

<sup>77</sup> MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. “**Manter Sadia a Criança Sã**”: as políticas públicas de saúde materno-infantil no Piauí de 1930 a 1945. 2017. Tese. (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. p. 33.

<sup>78</sup> MORAIS, Erasmo Carlos Amorim. **Uma História das Beiras ou nas Beiras**: Parnaíba, a cidade, o rio e a prostituição (1940 – 1960). Parnaíba: Sieart, 2013.

<sup>79</sup> Era uma empresa de propriedade de James Clark que foi criada em 1849. Sua especialidade era a exportação de produtos extrativistas piauienses, principalmente para a Inglaterra. CASA INGLEZA. **Almanaque da Parnaíba**, ano XVII, p. 400, 1940.

<sup>80</sup> MORAIS, Erasmo Carlos Amorim. **Uma História das Beiras ou nas Beiras**: Parnaíba, a cidade, o rio e a prostituição (1940 – 1960). Parnaíba: Sieart, 2013.

<sup>81</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

## EM BUSCA DA “TERRA DA PROMISSÃO”: o rio Parnaíba no contexto de fundação de uma nova capital para o Piauí (1852-1858)

Diante dessas questões, o governo buscou o apoio da iniciativa privada com vistas a reduzir os custos do empreendimento. Chegaram até mesmo a anunciar, em 1841, a concessão de privilégios exclusivos que teriam a duração de 25 anos para qualquer empresa que se compromettesse em estabelecer um serviço de navegação fluvial, porém, não houve retorno e o Estado precisou assumir a responsabilidade do empreendimento.<sup>82</sup> No ano de 1858, o jornal *O Propagador* publicou uma matéria onde foram expostas as tensões em torno desse projeto:

Quando, por outras partes, se pretende realizar uma empresa d’esta ordem, - recorre-se à organização de companhias, e nunca os governos se fazem directamente empresários, não só para não onerar os cofres públicos com o dispendio do elevado capital que seria preciso empatar, como, principalmente, porque, tem se reconhecido que só o interesse particular tem a vigilância, a actividade, e os meios precisos para administrar taes empresas com economia e acêrto e para fazel-as prosperar e produsir os beneficios desejavaeis.<sup>83</sup>

A ausência de apoio financeiro por partes das empresas privadas era um grande impasse para a concretização dos planos do governo. Havia uma preocupação em relação a continuidade das atividades fluviais após a implementação, pois caso fossem interrompidas, resultariam em dívidas e não receitas. Mas, diante da indiferença do setor privado, o governador João José de Oliveira Junqueira resolveu autorizar a inclusão da “[...] importância de Rs. 30:000\$000 para a navegação do Parnaíba.”, que foi feita por meio da Lei nº 427, de 7 de julho de 1857.<sup>84</sup> Como isso, foi criada a Companhia de Navegação do rio Parnaíba no ano seguinte e não demorou muito para que os resultados dessa iniciativa fossem vistos pelos piauienses.

Em 1859, apenas um ano após a fundação da Companhia, as cidades-beira rio se preparavam para receber seu primeiro barco a vapor, chamado *Urussuy*.<sup>85</sup> Para chegar em Teresina ele precisou enfrentar uma longa viagem, repleta de riscos e acidentes. A construção ocorreu no estaleiro da Ponta da Areia, no Rio de Janeiro e ele foi lançado ao mar no dia 12 de agosto de 1858, seguindo em direção ao ancoradouro<sup>86</sup> da Corte, de onde partiu rumo a capital do Piauí no dia 09 de dezembro daquele mesmo ano.

<sup>82</sup> MORAIS, Erasmo Carlos Amorim. **Uma História das Beiras ou nas Beiras**: Parnaíba, a cidade, o rio e a prostituição (1940 – 1960). Parnaíba: Sieart, 2013.

<sup>83</sup> A ACTUALIDADE e o Sr. Junqueira x Esbanjamento e Arbitrariedades. **O Propagador**, Theresina, ano, n. 37, p. 2, 29 de set. 1858.

<sup>84</sup> BARBOSA *apud* MORAIS, Erasmo Carlos Amorim. **Uma História das Beiras ou nas Beiras**: Parnaíba, a cidade, o rio e a prostituição (1940 – 1960). Parnaíba: Sieart, 2013. p. 32.

<sup>85</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

<sup>86</sup> É uma estrutura montada na costa e própria para a ancoragem de navios. ANCORADOURO. *In*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986. p. 116.

Em março do ano seguinte, mais precisamente no dia 31, o vapor chegou na cidade de Parnaíba, deixando-a no dia 07 de abril. Seguindo na direção sul, e sulcando as águas do rio Parnaíba, o Urussuy chegou em Teresina no dia 19 de abril de 1859.<sup>87</sup> Ele possuía “[...] força coletiva de 24 cavalos, com 126 pés ingleses de comprimento”, que equivalem à aproximadamente 38 metros. Sua vinda foi um marco gigantesco na história do estado e de sua capital, que foi contemplada com um segundo vapor, o Conselheiro Paranaguá, em 1865.<sup>88</sup>

Essas duas embarcações foram fundamentais para a consolidação das atividades da Companhia de Navegação a Vapor do rio Parnaíba. Juntas, realizaram sessenta e seis viagens só em 1865, sendo trinta e nove empreendidas pelo vapor Urussuy e vinte e sete pelo Conselheiro Paranaguá. Os governos dos estados do Piauí e do Maranhão assumiram a navegação, tornaram-se os responsáveis por conceder à Companhia subvenções mensais para a continuidade das atividades e manutenção dos transportes e da rota fluvial, recebendo também apoio do Governo Federal, visto que o rio Parnaíba se encaixa na categoria de rios da união.<sup>89</sup>

Ao longo da segunda metade do século XIX e primeira do XX, a navegação no rio Parnaíba passou por várias instabilidades, mas continuou em funcionamento devido as medidas tomadas pelo governo e pelas empresas privadas, que aos poucos foram ajudando a compor o cenário. Muitos barcos a vapor sulcaram pelas águas parnaibanas. Alguns deles, como o vapor Chile, foram adquiridos ainda no século XIX e continuaram navegando nas décadas de 1930 e 1940, quando se deu o auge da atividade no rio Parnaíba. De igual modo, o rio foi uma estrada para vários outros tipos de embarcações, como canoas, barcas, balsas e lanchas, que eram utilizadas pela população ribeirinha.

### Considerações finais

O rio Parnaíba possui uma série de características marcantes que o constituíram como personagem singular ao longo da história do Piauí, sendo sua relevância reconhecida antes do século XIX, quando os debates sobre o empreendimento da navegação se intensificaram. Os cursos fluviais foram colocados como alternativa para as dificuldades decorrentes das condições climáticas das regiões sertanejas, onde ficava a cidade de Oeiras, ao passo em que,

---

<sup>87</sup> OLIVEIRA, João de. Notas Históricas. **Almanaque da Parnaíba**, Parnaíba, p. 107, 1951.

<sup>88</sup> MEDEIROS, Jayra Barros. **Brisas do Progresso: faces e contornos da Primeira República unionense**. Teresina: Quimera Editora, 2016.

<sup>89</sup> GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba... Cidades-beira**. 2008. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 89 a 109, jan. a ago. 2021

## **EM BUSCA DA “TERRA DA PROMISSÃO”: o rio Parnaíba no contexto de fundação de uma nova capital para o Piauí (1852-1858)**

por serem enfatizados de forma negativa, os aspectos ambientais desses lugares passaram a ser associados à pobreza, atraso e estagnação.

Dentre os vários aspectos considerados para a escolha de um novo local para abrigar a segunda capital piauiense, a proximidade com suas águas se destacava. No cerne da discussão sobre a transferência da capital, os poderes públicos apoiavam-se na ideia de implementar a navegação para promover interesses econômicos e políticos, afirmando ter pretensões de alcançar a autonomia necessária para que deixassem de ser dependentes das províncias vizinhas. Dessa forma, o rio passou a ser diretamente relacionado com as questões de desenvolvimento e progresso.

Decerto, as águas caudalosas do rio Parnaíba contribuíram para a elevação das receitas piauienses. Elas viabilizaram o desembarque de muitas transformações nessas terras, a começar pelo surgimento de Teresina, em 1852. E, a partir da instalação da Companhia de Navegação a Vapor, em 1858, o rio tornou-se a estrada líquida percorrida pelos vapores que realizavam o escoamento dos produtos extrativistas, fazendo com que ele fosse exaltado por governadores, poetas, escritores, viajantes e moradores locais. Contudo, é possível afirmar que o rio Parnaíba foi utilizado como um propulsor das propostas governamentais e como um instrumento para validar a transferência da capital.